

EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE OFICINA SOBRE RACISMO PARA O PIBID LÍNGUA PORTUGUESA

DIEGNE ALEXANDRE FERREIRA DE BRITO CARDOSO¹; NATÁLIA MOURA
DE MELLO²; ANA CLARA MOLINA DOS SANTOS³; JOÃO LUIS PEREIRA
OURIQUE⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – diegne@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nmello963@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – anaclaramolina@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – jlourique@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe reflexões a partir do planejamento da oficina de Direitos Humanos e Gêneros Textuais do subprojeto Língua Portuguesa vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - da Universidade Federal de Pelotas. A partir de uma primeira fase em que foram realizadas oficinas junto às escolas vinculadas ao subprojeto, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Irene demonstrou uma preocupação e interesse maior na discussão sobre o tema do racismo. O planejamento da segunda fase das oficinas se pautou, então, nessa discussão procurando abordar as questões sobre o preconceito étnico-racial e os principais problemas no contexto da formação histórica da sociedade brasileira, especialmente para evidenciar a sua permanência no cotidiano de jovens da periferia da cidade de Pelotas-RS.

Os alunos alvo pertencem a uma escola municipal da cidade de Pelotas, localizada entre dois bairros considerados periféricos Pestano e Getúlio Vargas. Apoiado pelas Lei nº 9.394 -LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que prevê em seu primeiro artigo

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Nos ambientes educacionais públicos há a necessidade de formar um aluno preparado para os desafios do convívio em sociedade. Capacitar o aluno com conhecimentos de seus direitos, também com conhecimentos de autores e textos brasileiros que falam sobre a cultura africana, a escravidão e o racismo.

2. METODOLOGIA

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...). Embasado nesta primeira citação do Art. 5º da Declaração

Universal dos Direitos Humanos (BRASÍLIA, 2013), viu-se a necessidade de abordar mais a fundo as questões raciais presente na comunidade onde a escola está inserida.

Houve a necessidade de desenvolver uma oficina específica sobre o racismo para os alunos pela questão histórica da comunidade pelotense que se construiu através do trabalho escravo, desde seus casarões, bem como os quilombos que cercam os arredores da cidade,

o governo federal sancionou, em março de 2003, a Lei nº 10.639/03-MEC, que altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases) e estabelece as Diretrizes Curriculares para a implementação da mesma. A 10.639 instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira.

Historicamente as periferias estão às margens de uma sociedade, enquanto os grandes centros da cidade são ocupadas majoritariamente por brancos, as periferias são ocupadas majoritariamente por negros,

Após a Lei Áurea, os negros libertos foram buscar moradia em regiões precárias e afastadas dos bairros centrais das cidades. Uma grande reforma urbana no Rio de Janeiro, em 1904, expulsou as populações pobres para os morros. (Maringoni, 2011)

Tornar os alunos conscientes de sua realidade, mostrar como a real história da população negra no Brasil foi ignorada, é instruí-los para a compreensão crítica da sociedade brasileira e sua formação étnico-racial.

Após a discussão, outra perspectiva será levado em consideração, a Representatividade. Desde o surgimento dos grandes veículos midiáticos, os negros são estereotipados e mal representados, ou melhor, quando há uma representação, ARAÚJO (2000) diz

O Estado-nação no Brasil estabeleceu como referência para a cultura massiva os atributos da cultura branca europeia, desestruturando e ao mesmo tempo absorvendo das culturas negras e indígenas o tempero para a aclimatização e melhor aceitação da cultura homogênea. [...] O surgimento da televisão no Brasil, nos anos 50, veio reforçar esse papel das mídias já existentes na organização de uma identidade nacional, transformando também elementos culturais dos não-homogênicos, negros e índios, em características marcantes da identidade nacional brasileira e ampliando as dificuldades de se definir o que é o negro no país. (ARAÚJO, 2000, p.34)

Pelo viés da literatura, autores contemporâneos que falam sobre negros na sociedade brasileira. A autora Maria Carolina de Jesus foi a escolhida para ter parte da sua obra mostrada aos alunos, *O quarto de despejo: Diários de uma favelada*, obra em que a autora mostra a realidade de morar em uma favela na zona norte São Paulo. Trechos serão distribuídos aos alunos, onde haverá uma reflexão sobre a realidade da autora em comparação com a suas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pibidianos do subprojeto Língua Portuguesa reúnem-se semanalmente para a preparação e orientações sobre a criação das oficinas. Os debates e discussões são realizados após as prévias leituras dos textos e livros que serão usados nas oficinas e em sua fundamentação teórica.

Até a submissão deste trabalho não houve a aplicação da oficina, pois estão programadas para a última semana do mês de Setembro, com a data prevista para a primeira aplicação dia 24/09/2019.

Os resultados esperados são os de conscientizar os alunos de que há inúmeros aspectos que convergem o racismo, mas também mostrar que é seu direito saber as questões históricas que lhes foram negligenciada pela sociedade e pela mídia.

A oficina está pronta para a aplicação, houve muitos debates em grupo sobre o tema e a criação de elementos que sejam capazes de apresentar para os alunos, de uma região periférica da cidade de Pelotas, a importância histórica de estarem ocupando aquela região da cidade, e também de ocuparem espaços públicos em geral. Evidenciar sua realidade, a negligência social com a região e a obra de Maria Carolina de Jesus.

4. CONCLUSÕES

A importância de qualificar os alunos, de uma escola periférica, para uma melhor compreensão da sociedade, através de suas realidade e das histórias narradas por vozes negras, que assim como eles, veio de uma região extremamente marginalizada, é o que se conclui desta experiência de criação de uma oficina para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, Torná-los capaz fazer uma leitura crítica de trechos, textos, livros e, não menos importante, a sociedade brasileira, a qual identificarão suas especificidades e tomarão o que lhes for de direito, portanto o tema é de suma importância para que os alunos desenvolvam suas capacidades reflexivas e suas prática sociais.

“Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz” JESUS (1960).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília, 2004.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. Ministério da Educação. **Leis de diretrizes e bases da educação nacional.** Brasília, 1996.

MARINGONI, Gilberto. **O destino dos negros após a Abolição.** Desafios do Desenvolvimento. Brasília, p.34 – 42, 01 dez. 2011.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira.** São Paulo: Senac, 2000. ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira.** São Paulo: Senac, 2000.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada.** São Paulo: Francisco Alves, 1960